

## Micros-Beagá



Por **AFRÂNIO CATANI**

*Comentário sobre o livro organizado por Rauer Ribeiro Rodrigues*

Rauer Ribeiro Rodrigues, professor de literatura brasileira na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, organizou este *Micros-Beagá* reunindo 55 autora(s), com 275 microcontos e suas respectivas biografias. Segundo o organizador, “a mineiridade se des-vela e re-vela” nesta seleção, sendo que a literatura produzida no estado “mostra a força, a pujança, a grandeza e a diversidade de seu *ethos*” (p. 5).

Há de tudo um pouco nessa coletânea, desde contistas consagrada(o)s até iniciantes no ofício, cada qual publicando cinco mini obras. Ao lado de verdadeiras pérolas, muito bem escritas e com alto teor de humor, encontram-se algumas que necessitam ser melhor lapidadas. Procurarei destacar preciosidades encontradas nessa produção que vem das Geraes e que, infelizmente, aqui e ali, contém vários cochilos de editoração.

Os microcontos se abrem com Alciene Ribeiro Leite, nascida em Ituiutaba e radicada em Belo Horizonte: “Ela foi Amélia com a síndrome de bela da tarde” (“Testamento”, p. 11) e “Seu anseio – ter voz e se fazer ouvir. Como, se a aliança apertada no pescoço?” (“Divórcio”, p. 15). Tem-se “Antônimo”, de Ângela Leite de Souza, belo-horizontina (“Meu amigo era o tipo de sujeito do contra, gostava de pôr tudo em pratos sujos”, p. 42) e Antonio Barreto, de Passos, com “A Matéria Prima”: “Um homem bom, que já havia experimentado a fome, pegou o hábito de reciclar todas as coisas imprestáveis que encontrava pelas ruas da cidade: papéis, jornais, latas, caixas, garrafas, tampas, vidro, plástico, cobre, alumínio, papelão, madeira, entulho. Até o dia em que se deparou com o portão aberto do cemitério” (p. 51).

Cristina Agostinho, ituitabense, autora de quase duas dezenas de livros, surge com “Hipocondria” (“Desfez os fios da memória antes que a esclerose os rompesse. Rasgou os bilhetinhos açucarados que faziam mal ao seu diabetes. Jogou no lixo as fotos dos tempos felizes para evitar picos de pressão. Olhou-se no espelho, observou os estragos das noites insones, e a taquicardia voltou. Decidiu-se. Cancelou as consultas médicas e saiu em busca de um novo amor”, p. 79); Eltânia André, de Cataguases, com “Dólar Furado” (“A Terra se chocou com a Casa da Moeda. Não houve sobreviventes”, p. 107).

O cineasta João Batista de Andrade, que escreveu ao lançar um de seus livros que “a literatura é a loucura que pode salvar o mundo”, tem seu “Morto, Mas Vivo”, talvez inspirado em seu filme *Doramundo* (1978), baseado no excelente romance de Geraldo Ferraz: “Amava o cinema. Daria tudo para participar, aparecer na tela. E aceitou o convite estranho. Seria um desconhecido assassinado na bruma da cidade de Paranapiacaba. Cena rápida. Descontente, queria mais. Aceitou ser colocado no caixão fechado. Não o veriam, mas ele sabia que estava lá, em cena” (p. 141).

O jornalista, escritor e compositor Jorge Fernando dos Santos, com mais de 40 livros publicados, vem com sua “Fuga” (“O sujeito saiu tão depressa que a sombra ficou para trás”, p. 152); a “Gaiola” (“A mão que te afaga, te afoga. O carinho que acaricia, apavora. Eu canto para quem?”, p. 157) é de Larissa Valdier, da região de Muriaé. Leo Cunha, de Bocaiúva, tem “Aliança” abrindo seus microcontos: “O casamento não é uma prisão perpétua. Eu, por exemplo, saí antes, por mau comportamento” (p. 161). De Lou Bertoni, destaco dois escritos cortantes: “O Amor” (“Ela não queria chorar pela rua, Aí a chuva resolveu seu pequeno drama cotidiano”, p. 176) e “Memória” (“A verdade é que toda porcelana antiga tem vontade de chão”, p. 177), enquanto a lavrense Lúcia Serra expõe o seu “Dilema” (“O amor pede calma. Maria Eugênia bem o sabia. E repetia para si: eu possuo um punhado de paz. Ao lado dele, todo recurso e segurança. Remanso. No amor não se deve cometer imprudências da paixão”, p. 183) e o natural de Baependi, Luís Giffoni, faz o sorriso surgir tímido nos cantos

# a terra é redonda

dos lábios com “Ovelha Negra” (“A família se tinha em alta estima. Dividiram-se, com orgulho, entre cachaceiros e cervejeiros. Como sempre, havia uma ovelha negra. Gostava de absinto”, p. 186) e com “Distraído” (“Era tão distraído que, no dia em que morreu, saiu por aí como se nada tivesse acontecido”, p. 187).

Malluh Praxedes, de Pará de Minas, apimenta a culinária com “Quarenta e Cinco” (“Gosto de namorar debaixo d’água. Apreendi com você. E você me ensinou ainda a fazer amor na rede. Casamento perfeito. Nunca foi de outro jeito. Mesmo quando chove nós dois somos aqueles que gostam de aprender. Eu te ensino a cozinhar em fogo brando. E você aprendeu rapidamente como é me comer aos poucos”, p. 201). Já o uberabense Marcelo Aparecido, com “Cadeia Alimentar”, fala de sentença de morte: “Aquela jovem zebra foi sentenciada à morte, pois o juiz, um leão-sul-africano, não tinha tomado seu café da manhã antes de ir ao tribunal” (p. 207).

A napolitana Maria Pia Monda, residente em Belo Horizonte, apostou em “Intuição”: “Estava muito atraída por ele, ao ponto de quase ser apaixonada, mas um dia ele lhe disse: ‘comigo você sempre será feliz’ e ela não quis vê-lo mais. Nunca gostara de mentirosos” (p. 217). Há o escritor oriundo de Cataguases, Ronaldo Cagiano, que descreve a sina de Heleno – “Foi num domingo de missa e famílias mergulhadas na mesmice e falta de horizontes” que ele “gritou bem alto o seu recado: saio dessa cidade para não ficar menor que ela” (“Fuga”, p. 267).

Mas há ainda as “Sensações”, de Tilda Carvalho (“Sensações cotidianas e pessoais.../–Capturadas como?/ – Da realidade./ –Sem abstrações./ –Sem sentimentalismos./Poesia sem poesia. Escrever sobre o escrever é o futuro do escrever” (p. 311) e o “Vampiro”, da amapaense Yueh, “naturalizada mineira”: “Não era tão alto quanto eu, não tão bonito quanto eu. Mas tinha algo. Cabelo comprido lustroso, olhos pretos de carvão, dentes brancos pontiagudos. Ele nunca chegou a sugar meu sangue, mas estava por toda a parte: embaixo da minha cama, nas ruas por onde andei, na tela do meu celular. Eu tive um Drácula, e ele me sugou outras coisas” (p. 330).

Concordo com Rauer Ribeiro Rodrigues, quando ele diz que a diversidade é a marca deste volume de microcontos: “dos temas às propostas literárias, da riqueza de diferentes gerações à variada realização estética, da reflexão à denúncia, do intimismo à cena dialogada...” (p. 5). Leitura leve, instigante, dotada de alto astral.

*\*Afrânio Catani, professor titular aposentado da Faculdade de Educação da USP, atualmente é professor sênior na mesma instituição. Professor visitante na UERJ, campus de Duque de Caxias.*

## Referência

---

Rauer Ribeiro Rodrigues (Org.). *Micros-Beagá*. Uberlândia, Editora Pangeia, 2021, 336 págs.

**O site *A Terra é Redonda* existe graças aos nossos leitores e apoiadores.**  
**Ajude-nos a manter esta ideia.**  
**[Clique aqui e veja como](#)**